

Carolina Maria de Jesus: artista, mulher e mãe no *Quarto de despejo*Elisângela da Silva **SANTOS**¹

Neste artigo temos como objetivo ressaltar a questão da maternidade no diário de Carolina Maria de Jesus, uma mulher, mãe e artista que demonstrou de maneira ímpar, durante os anos 50, a dificuldade enfrentada em seu cotidiano para sustentar seus três filhos, protegendo-os e afligindo-se pelas necessidades nunca satisfeitas em relação à alimentação e educação destes.

O diário se inicia com a sua preocupação de mãe em relação à filha, Vera Eunice, que fazia aniversário naquele dia – 15 de Julho de 1955 – e gostaria de ganhar um par de sapatos novos. Não podendo comprar um par de sapatos novos, a mãe Carolina “cata” no lixo o presente de Vera, leva para casa, lava e o “remenda” para a filha calçar. No mesmo dia, à noite, sai a procura do filho João José, que presenciava um acidente de ônibus que matara uma criança. Carolina repreende o filho com uns tapas e pouco tempo depois ele chega em casa.

Percebemos desde o início do livro que os filhos representam a maior preocupação de Carolina e, depois de um dia de muitas atribulações, fecha a primeira página do seu diário narrando:

¹ Pós graduanda em Ciências Sociais junto à FFC/UNESP, membro do Grupo de Estudos de Cinema e Literatura e pesquisadora sobre o *pensamento social na literatura infantil de Monteiro Lobato*.

Abluí as crianças, aleitei elas e me abluí e me aleitei. Esperei até as onze horas, um certo alguém. Ele não veio. Tomei um melhoral e me deitei novamente. Quando despertei o astro-rei deslizava no espaço. A minha filha Vera Eunice dizia: – “Vai buscar água, mamãe!” (JESUS, p. 07).

Nesta passagem, Carolina descreve o fim de mais um dia destacando os aspectos mais corriqueiros, ou aquilo que pode ser definido como prosaico, mas ao amanhecer volta-se para o “astro-rei” que “deslizava no espaço”, tornando o prosaico sublime, aquilo que não é palpável e nem imediato, mas subjetivo e belo. Entretanto, Vera Eunice interrompe este momento e, chamando para a vida cotidiana, pede à mãe que busque a água para preparar o café. Em diversas passagens do livro, este aspecto de transição do prosaico para o sublime e o retorno ao prosaico é recorrente.

Do ponto de vista estético, a autora evoca a questão da separação entre o sublime e o prosaico. Questão que pede um “enquadramento sociológico”, uma vez que a mistura de estilos é social. Erich Auerbach (2000), em *Flores do Mal e o Sublime*, nos mostra através da poesia de Charles Baudelaire, a coexistência de aspectos elevados e grotescos nos mesmos versos. O que pode ser observado no poema *Le Convercle*: “O céu! Tampa negra grande panela/ na qual ferve a imperceptível e vasta Humanidade”.

Baudelaire foi o primeiro, conforme o crítico, a tratar como sublimes aspectos que pareciam inadequados a este estilo, sua peculiaridade estava em transformar sua “triste miséria” em poesia, saltando da sua miséria para o sublime:

[...] uma batalha em que ele foi várias vezes vitorioso; não sempre, nem o bastante para expulsá-la completamente; pois, por mais estranho que pareça, “miséria cinza” não era apenas o inimigo, mas também o começo e o objeto de sua atividade (AUERBACH, 2000, p. 88).

Retornando ao livro *Quarto de despejo*, Carolina levantou-se e foi buscar água para o café e preocupou-se com a falta de pão para as crianças que iriam tomar café simples e comerem carne com farinha.

Cada vez que a mãe-Carolina sai para trabalhar, as suas crianças são motivo de grande preocupação pois, tendo de permanecerem na favela, devem ver-se com seus “péssimos” vizinhos que, segundo ela, fazem dos seus filhos os “bodes-expiatórios” dos favelados.

Hoje é a Nair Mathias quem começou a impricar com os meus filhos. A Sílvia e o esposo já iniciaram o espetáculo ao ar livre. Ele está lhe espancando. Eu estou revoltada com o que as

crianças presenciam. Ouvem palavras de baixo calão. Oh! Se eu pudesse mudar daqui para um núcleo mais decente (JESUS, p. 09).

Um dos maiores objetivos de Carolina é se mudar da favela para um lugar e uma casa mais “decentes”, pois não queria ver seus filhos convivendo com os “espetáculos domésticos” que freqüentemente ocorriam ao ar livre:

...E o pior da favela é o que as crianças presenciam. Todas crianças da favela sabem como é o corpo de uma mulher. Porque quando os casais que se embriagam brigam, a mulher para não apanhar sai nua para a rua. Quando começa as brigas os favelados deixam seus afazerem para presenciar os bate-fundos. De modo que quando a mulher sai correndo nua é um verdadeiro espetáculo para o zé-povinho (JESUS, p. 39-40).

Os filhos de Carolina, apesar de reconhecerem segundo a escritora relata em diversas passagens do livro, o esforço e o cuidado que a mãe tem por eles, não entendem o fato de ela ser sozinha. Certo dia, ela e seu filho José Carlos vão buscar algumas tábuas que tinham ganhado para construção de um quartinho para guardar os livros e encontram dificuldades para leva-las até em casa. Nessa situação, o filho questiona a ausência da figura masculina, identificada por ele como mais apta aos trabalhos pesados do que a mãe:

Coloquei as madeiras de vários modos. Ora ficava dianteira ora traseira. Percebi que precisava trazer em duas vezes. *O que é preciso fazer eu faço sem achar que é sacrifício.* Na Rua Araguaia com a Rua Canindé tem muita lama e eu encontrei dificuldade porque eu estava descalça e os meus pés deslizava na lama. Não havia possibilidade de firmar os pés. Eu escorregava. Apareceu um senhor e empurrou a carrocinha para mim. Me disse para eu ajeitar as tábuas que escorregaram da carrocinha. E o José Carlos vendo minha luta me disse:

–Por que é que a senhora não se casou? Agora a senhora tinha homem para ajudar (JESUS, p. 78).

Elza Berquó (1998) ao analisar os arranjos familiares no Brasil sob o prisma demográfico afirma que a partir da década de 50, de acordo com o Censo realizado nesta década, o comportamento matrimonial dos brasileiros muda em alguns

aspectos, pois o número de separação e divórcios aumenta, a média das idades de casamento se mantém, e as uniões não legalizadas também crescem. A partir dos anos 60, o número de famílias monoparentais também aumenta e, neste sentido:

A chefia feminina é outra característica associada a esse tipo de arranjo familiar. (...) percebe-se que a grande maioria das monoparentais vem de há muito, isto é, a partir dos estudos de 1970, sendo chefiada por mulheres. O aumento do número de separações e divórcios, com menor chance de recasamento para as mulheres, a sobremortalidade masculina, produzindo mais viúvas que viúvos, e os emergentes estilos de vida – novas formas de união se coabitação ou prole sem casamento – são os principais determinantes de tal situação (BERQUÓ, 1998, p. 429).

No decorrer do diário, percebemos que o padrão burguês de família – pai, mãe e filhos – não é preponderante no ambiente narrado por Carolina. Preocupada com as acusações de uma senhora que afirmava que seu filho João havia molestado sua filha de dois anos e, por isso, iria denunciá-lo à polícia, Carolina se desespera. Sua primeira idéia é a de “interná-lo no juizado de menores”, supondo que ali poderia receber uma outra forma de educação. Porém a mãe desiste desse intento após ouvir os depoimentos de dois “meninos do juiz” que vagueavam pela favela:

Falaram que residem na Vila Maria e que tem mãe. Aconselharam meus filhos para ser bons para mim. Que os filhos estão melhor com as mães. Que a melhor coisa do mundo é a mãe. Eles pegaram as roupas que eu lhes dei. [...]. Quando eles saíram olharam o número do meu barracão e me pediu para não internar o João que a comida é deficiente. Que eles era obrigado a lavar louça. Que se uma criança jogar fora o resto da comida no lixo, que eles obriga a criança a catar e comer (JESUS, p. 79).

Carolina percebe que nos “juizados” a situação do seu filho não iria melhorar e finaliza o assunto dizendo “pobres órfãos do juiz!”.

As famílias da favela descritas por Carolina são esfaceladas, os pais muitas vezes não têm condições para criarem seus filhos. Até a década de 60, a pílula anticoncepcional não era um método popular no Brasil, apenas a classe média e alta praticavam com frequência o controle da natalidade. Carolina cita o caso da vizinha Leila que, ao brigar com o marido, dizia quere jogar sua filha recém-nascida no rio Tietê. A criança, que tinha dois meses de vida, segundo Carolina, acaba caindo no chão.

Situação bastante diversa daquela descrita e priorizada pelas Revistas Femininas da década de 50 – cujas leitoras eram em sua maioria pertencentes à classe média alta – que pregavam como padrão de família branca, de classe média, hierarquia e papel bem definido entre os sexos. Carla Bassaneze (1997), ao analisar o papel das mulheres dos anos 50 no Brasil afirmou que nos anos dourados a ideologia vigente para as mulheres pregava a maternidade, casamento e dedicação ao lar:

Na família-modelo dessa época, os homens tinham autoridade e poder sobre as mulheres e eram os responsáveis pelo sustento da esposa e dos filhos. A mulher ideal era definida a partir dos papéis femininos tradicionais – ocupações domésticas e o cuidado dos filhos e do marido – e das características próprias da feminilidade, como instinto materno, pureza, resignação e doçura (BASSANEZE, 1997, p. 608-9).

Carolina não contava com a presença masculina dos pais de seus filhos, era mãe solteira, e além de trabalhar para o sustento dos filhos, ou seja, realizar o papel que a cultura dominante atribuía ao homem, também realizava o papel feminino, aquele que lhe era atribuído. Neste sentido, mais de uma vez veremos nas páginas do seu diário que a escritora se cobra por não ter sabão para lavar as latas nas quais cozinha, as roupas de cama e as suas roupas e das crianças. Na linha contrária, ou seja, quando consegue suprir suas necessidades, a mãe-Carolina sente felicidade e satisfação:

Eu já fiz o almoço – hoje foi almoço. Tinha arroz, feijão e repolho e lingüiça. Quando eu faço quatro pratos penso que sou alguém. Quando vejo meus filhos comendo arroz e feijão, o alimento que não está ao alcance do favelado, fico sorrindo à toa como se eu estivesse assistindo um espetáculo deslumbrante (JESUS, p. 44).

Carolina também se compara com as outras mulheres da favela que são casadas, mas se orgulha por sustentar seus filhos sem a ajuda de ninguém e sem caridade:

Elas alude que eu não sou casada. Mas eu sou mais feliz do que elas. Elas têm marido. Mas, são obrigadas a pedir esmolas. São sustentadas por associações de caridade.

Os meus filhos não são sustentados com pão de igreja. Eu enfrento qualquer espécie de trabalho para mantê-los. E elas, têm que mendigar e ainda apanhar. Parece tambor. À noite quando elas pedem socorro eu tranqüilamente no meu barracão ouço *valsas vienenses*. Enquanto os esposos quebra as tábuas do barracão eu e meus filhos dormimos sossegados. Não invejo as mulheres casadas da favela que levam a vida de escravas indianas (JESUS, p. 11, grifo nosso).

Percebemos aqui novamente a mistura de estilos entre o prosaico e o sublime, pois Carolina ironiza: enquanto suas vizinhas apanham dos seus maridos cotidianamente, como se fossem tambores, ela escuta valsas vienenses sossegadamente em sua casa com seus filhos.

Entretanto, a mãe-Carolina se sente muitas vezes impotente por não ter possibilidades de oferecer sempre a seus filhos uma “alimentação condigna”, roupas, sapatos e melhor moradia. No dia 11 de maio de 1958, dia das mães, ela encontra consolo para sua maior frustração na poesia:

Dia das mães. O céu está azul e branco. Parece que até a Natureza quer homenagear as mães que atualmente se sentem infeliz por não poder realizar os desejos dos seus filhos.

... O sol vai galgando. Hoje não vai chover. Hoje é o nosso dia.
[...]

... Ontem eu ganhei metade de uma cabeça de porco no frigorífico. Comemos a carne fiz as batatas. Os meus filhos estão sempre com fome. Quando eles passam muita fome não são exigentes no paladar (JESUS, p. 25).

Em algumas passagens, Carolina se revolta com a situação que ela tem que enfrentar todos os dias para sobreviver, para catar papel nas ruas e sustentar seus filhos com o lucro dos restos que ela recolhe, muitas vezes suporta o peso do saco na cabeça e o peso da Vera Eunice nos braços, que não gosta de ficar em casa sozinha. Carolina afirma: “tem hora que me revolto. Depois me domino. Ela não tem culpa de estar no mundo. Refleti: preciso ser tolerante com meus filhos. Eles não tem ninguém no mundo a não ser eu. Como é pungente a condição de mulher sozinha sem um homem no lar” (JESUS, p. 16).

Certo dia, Vera Eunice ficou doente, Carolina como não tinha dinheiro para a comida saiu para catar papel, nervosa com diversas coisas para pensar, pois a filha estava doente, o José Carlos se negava ir para a escola, já que também não tinha sapatos e estava frio:

Eu estava tão nervosa! Acho que se eu estivesse num campo de batalha, não ia sobrar ninguém com vida. Eu pensava nas roupas por lavar. Na Vera. E se a doença fosse piorar? Eu não posso contar com o pai dela. Ele não conhece a Vera. E nem a Vera conhece ele. Tudo na minha vida é fantástico. Pai não conhece filho, filho não conhece pai (JESUS, p. 59).

Em relação ao pai de Vera, ela não divulga o seu nome e nem reclama de sua ausência, apesar de muitas vezes se sentir impotente por não ter ajuda de ninguém. Ela é solitária com seus pensamentos, preocupações, suas responsabilidades, mas apesar de não ter ninguém, nenhuma instituição, nenhuma política ou pátria que lhe ampare, ela segue protegendo e sustentando seus filhos. Por isso, Carolina além de mãe, é pai, é governo e é cotidiano de uma mulher que se demonstra através das suas reflexões e de sua poesia.

Referências Bibliográficas:

AUERBACH, Erich, As Flores do mal e o sublime, in *Revista Inimigo Rumor*, Rio de Janeiro, 2000.

BENJAMIN, Walter, Obras escolhidas III – *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*, São Paulo, Brasiliense, 1991.

BERQUÓ, Elza, Arranjos familiares no Brasil: uma visão demográfica, in: SCHWARCZ (orgn.) *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*, Companhia das Letras, 1998, volume IV.

BASSANEZI, Carla, Mulheres dos anos dourados, in *História das mulheres no Brasil*, Ed. Contexto, Fundação Unesp, São Paulo, 1997.

JESUS, Carolina Maria de, *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, Circulo do livro, São Paulo, s/d.